



Arthur e Antonio Manoel, a escolha da Universidade



Em eleições diretas e paritárias, a comunidade da UNESP definiu os nomes que dirigirão a Reitoria a partir de 1993. Arthur Roquete de Macedo é o novo reitor e Antonio Manoel dos Santos Silva, o vice. Eles formaram a chapa 1, que foi preferida por 66,4% dos votantes. Págs. 3 e 4



A mesa do colégio eleitoral: nomes dos vencedores são referendados



VIDA NO EXTERIOR

As histórias dos docentes que estiveram em outros países em busca de novos conhecimentos. Pág. 12



ROSA, UM MÍSTICO

Pesquisa revela as influências religiosas e filosóficas na obra de Guimarães Rosa. Págs. 6 e 7

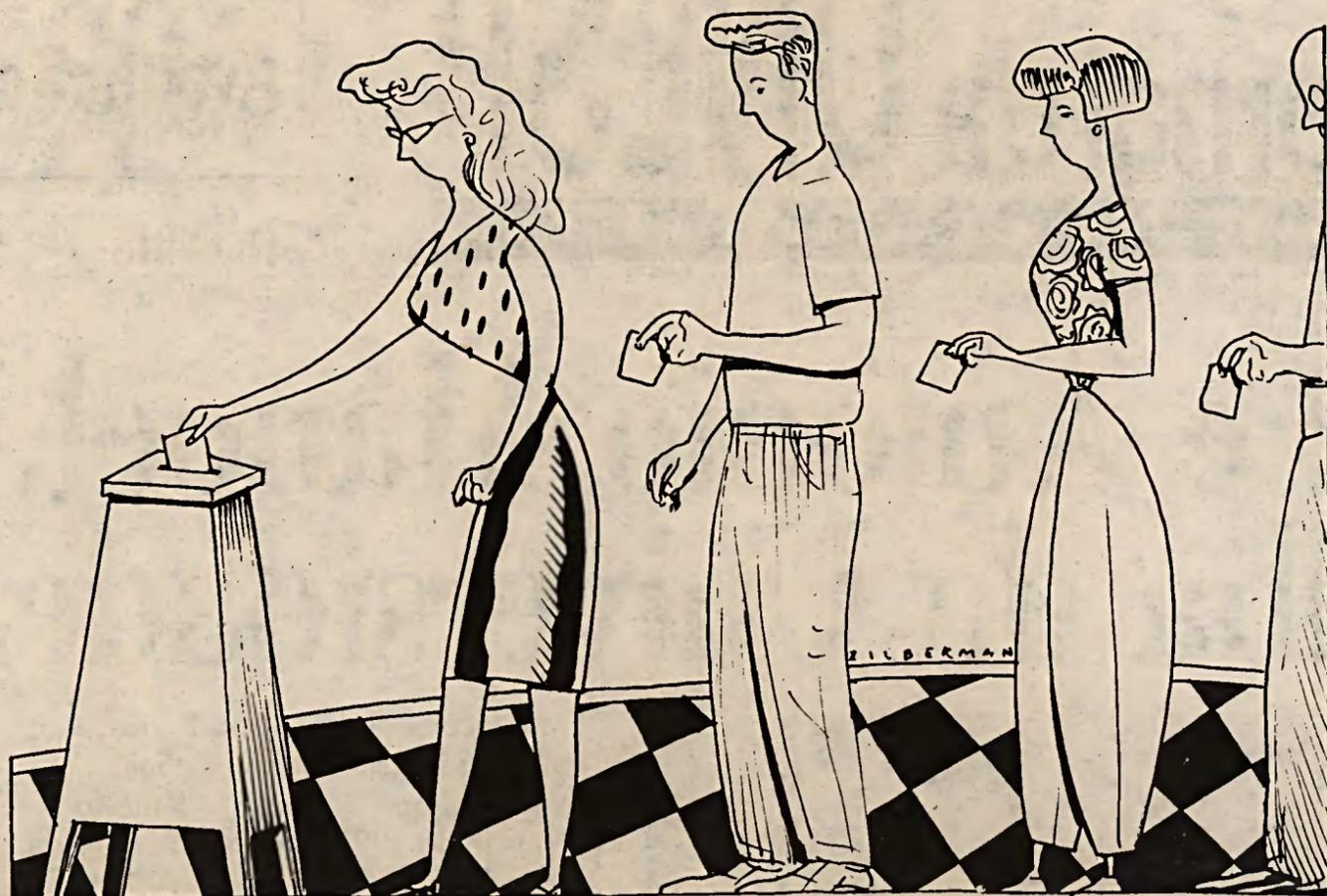


Ilustração: Paulo Ziberman

SINTESE

OS RESULTADOS das eleições para reitor e vice na UNESP confirmaram o que já havia sido evidenciado nas "primárias", realizadas em agosto, quando Arthur Macedo e Antônio Manoel se mostraram hegemônicos nas listas tríplices organizadas pelas Congregações. A única surpresa ficou por conta do alto índice de abstenção por parte do segmento discente. Apesar do voto paritário — uma reivindicação antiga dos estudantes —, apenas 58,1% do segmento compareceu às urnas.

POR OUTRO LADO, foi expressiva a participação dos docentes (85,6%) e funcionários (88,8%) na eleição de outubro, o que engrandeceu o pleito e legitimou os resultados.

HÁ QUATRO ANOS, quando da eleição que deu a vitória ao professor Landim, havia pesos diferentes para os votos dos segmentos, conforme decisão do Conselho Universitário. Os docentes tinham 2/4, os funcionários 1/4 e os alunos idem. Os alunos boicotaram a votação — o comparecimento foi de 15% — porque queriam a paridade...

CERTAMENTE as pessoas que são contra a paridade vão se utilizar dos percentuais de comparecimento de cada segmento para encontrar aquela que seria a distribuição ideal do peso dos votos.

EM UM DOS DOCUMENTOS distribuídos na campanha eleitoral da chapa Perri/Joji, afirmam os signatários — "Grupo de Professores" de vários câmpus — que a candidatura adversária estava ganhando "notinhas de estúfmulo no Jornal da UNESP". Por ter sido citado em um documento que se tornou público, vai aqui a resposta: O Jornal da UNESP, como diz o seu próprio nome e como se vem fazendo desde a sua criação, há sete anos e quatro meses, é um instrumento da Universidade, estando portanto a serviço dela e de sua comunidade. Por esse motivo e também por orientação do reitor Paulo Landim, este Jornal se manteve absolutamente equidistante das duas candidaturas. O que este Jornal procurou estimular, isso sim, foi a comunidade unespiana a participar do processo que ia resultar na escolha do seu futuro representante maior.

O significado das eleições na UNESP

No dia 29 de outubro passado, com a elaboração das listas tríplices para reitor e vice-reitor, encerrou-se, no âmbito da Universidade, o processo de escolha dos dirigentes da UNESP para o próximo exercício.

A regulamentação das diretrizes gerais contidas no novo Estatuto, estabelecida pelo CO, e a disposição do Colégio Eleitoral de transferir para a comunidade a responsabilidade da escolha introduziram profundas alterações na sistemática anteriormente adotada pela Universidade para a composição das referidas listas.

Num primeiro momento, conforme o disposto no Estatuto, coube a cada Congregação a tarefa de indicar três nomes de professores titulares da UNESP, respectivamente para reitor e para vice-reitor, conforme normas livremente estabelecidas pelos respectivos colegiados. A partir desses nomes, o Colégio Eleitoral, integrado pelos membros dos três conselhos superiores da Universidade, CO, CEPE e CADE, deveria elaborar as listas tríplices a serem submetidas ao senhor governador, nos termos da lei. No exercício de um direito que lhe foi reconhecido pelo Estatuto, o atual Colégio Eleitoral decidiu-se pela consulta direta aos três segmentos da comunidade acadêmica, a cujos votos atribuiu peso paritário, e pela simples homologação dos resultados dessa consulta.

Dessa forma, e pela primeira vez na história da Universidade, adotou-se o sistema de eleições diretas para reitor e vice-reitor, a partir de chapas constituí-

das com base em propostas das unidades universitárias e identificadas por um programa de ação, com participação paritária de docentes, alunos e funcionários.

O processo eleitoral, conduzido por comissão central e comissões locais, devidamente constituídas pelo Colégio Eleitoral, foi precedido de amplos debates realizados em vários câmpus da UNESP, para análise das propostas dos candidatos pelos diferentes segmentos da comunidade acadêmica. No plano formal, foram rigorosamente observadas, no decorrer da eleição, as normas estabelecidas pelo Colégio Eleitoral, circunstância que garantiu a livre manifestação de todos e a inteira regularidade do processo.

Os resultados da eleição evidenciaram que os nomes escolhidos foram os preferidos por cada um dos três segmentos de docentes, funcionários e alunos, tendo contado, igualmente, com expressiva maioria de votos da totalidade dos membros da comunidade acadêmica.

Concluindo o processo de escolha e numa democrática manifestação de reconhecimento dos fatos evidenciados na manifestação da comunidade unespiana, o senhor governador acaba de nomear os professores Arthur Roquete de Macedo e Antonio Manoel dos Santos Silva, respectivamente, para as funções de reitor e de vice-reitor da UNESP, com mandato de quatro anos, a partir de 16 de janeiro de 1993.

Teremos, portanto, nesses próximos quatro anos, um reitor e um vice-reitor

escolhidos pela comunidade universitária, segundo regras de há muito reivindicadas.

Agora, superada a inevitável fase de competição, inerente a qualquer processo eleitoral, impõe-se a superação de eventuais ressentimentos, bem como a união de vencedores e vencidos em torno dos superiores interesses da Universidade.

A ampla liberdade do processo de escolha e a inequívoca manifestação da comunidade universitária certamente darão aos escolhidos a clara dimensão de suas responsabilidades. Por sua vez, docentes, funcionários e alunos, respeitando os resultados do processo democrático de escolha, deverão participar solidariamente de mais quatro anos de trabalho comum, visando à consecução dos objetivos próprios da Universidade.

É preciso também que, analisada a experiência vivida nesses longos meses de campanha eleitoral, sejam dela extraídas lições que conduzam ao contínuo aprimoramento do processo de escolha dos dirigentes da Universidade. Sem prejuízo da necessária participação de todos os membros da comunidade acadêmica nesse processo, importa não esquecer que a atividade política na Universidade não é um fim, mas um meio para a plena realização das atividades que lhe são próprias nos campos do ensino, da pesquisa e da prestação de serviços à sociedade.

PAULO MILTON BARBOSA LANDIM
Reitor

unesp

Reitor Paulo Milton Barbosa Landim
Vice-Reitor e pró-reitor de Administração e Desenvolvimento: Arthur Roquete de Macedo
Pró-reitor de Graduação: Antonio Cesar Perri de Corvalho
Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: Antonio Manoel dos Santos Silva
Pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários: Carlos Ruggiero

Jornal da UNESP

Editores: André Louzos e Paulo Velloso
Redação: Denise Pellegrini, Emi Shimmo, Marcelo Burgos e Tânio Belickos
Calabaram: Judith Meirelles, Cleide Portes (Bouru), Kátio Soisi, Laura Carneira e Luiz Antonio Rocoteli (Araraquara)
Editor de Arte: Celso Pupo
Fotografia: Adriano Zebrauskos
Secretário de Redação: Viviane Fernandez
Produção: José Luiz Redini
Revisão: Francisco Morio Lourenço e Rinaldo Milesi
Tiragem: 22.500 mil exemplares
Este jornal, órgão do Reitorio da UNESP, é elaborado mensalmente pelo Assessorio de Comunicação e Imprensa.
A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitido, desde que citado o fonte.
Endereço: Ruo do Carmo, 44, 5º andar, CEP 01019, São Paulo, SP, Telefone 37-4479
Composição, fatolita e impressão: Imprensa Oficial do Estado S.A. — IMESP



A comunidade escolhe Arthur

Com a preferência de 66,4% dos votantes, Arthur Roquete de Macedo foi eleito o novo reitor da UNESP. Ele tomará posse no dia 15 de janeiro

O professor Arthur Roquete de Macedo é o novo reitor da UNESP. Atual vice-reitor, Arthur foi eleito na primeira eleição paritária — em que os votos dos segmentos docente, discente e técnico-administrativo têm o mesmo peso — realizada por uma universidade estadual pública em São Paulo. Antonio Manoel dos Santos Silva, o atual pró-reitor de Pós-graduação e Pesquisa, elegeu-se vice-reitor. Os dois nomes formavam a chapa 1, que obteve 66,7% da preferência dos professores, 77,3% dos funcionários e 57% dos alunos. A outra chapa concorrente era composta pelos professores Antonio Cesar Perri de Carvalho, candidato a reitor, e Joji Ariki, candidato a vice. A votação ocorreu nos dias 20, 21 e 22 de outubro e teve a participação de aproximadamente 70% do total de eleitores.

A escolha foi homologada em 29 de outubro pelo Colégio Eleitoral, formado por membros do Conselho Universitário (CO), Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária (Cepe) e Conselho de Administração e Desenvolvimento (Cade). No mesmo dia, foram indicados os nomes dos professores Jehud Bortolozzi e Amilton Ferreira para reitor e vice, respectivamente, a fim de compor as duas listas tríplices que foram enviadas ao governador do Estado. No Diário Oficial de 10 de novembro, Luiz Antonio Fleury Filho publicou a nomeação do professor Arthur.

A vitória da chapa 1 aconteceu após uma acirrada campanha, que envolveu inúmeros contatos dos candidatos com todos os setores da comunidade universitária, além de debates em vários câmpus. Depois de computados os votos dos três segmentos e calculados os índices gerais de cada categoria pela Comissão Eleitoral Central, obtiveram 9.708 pontos, praticamente o dobro do número conseguido pelos professores Perri e Joji, que somaram 4.921 pontos. Antes desse pleito, o professor Arthur foi o nome mais cotado para reitor nas listas tríplices elaboradas pelas congregações de cada unidade, no dia 21 de agosto. O atual vice-reitor recebeu 23 indicações e em segundo lugar ficou o professor Perri com 16 indicações.

DISPUTA DIFÍCIL

Mas conseguir a vitória não foi fácil. Segundo o professor Arthur, o processo eleitoral demandou muito esforço, já que não bastava participar das reuniões agendadas com os candidatos nas unidades. "Poucas pessoas compareceram aos debates e foi nos corredores, através de contatos informais, que afloraram os problemas." O professor recorda que percorreu todas as unidades e manteve um diálogo aberto com os representantes dos três segmentos durante a campanha. Ele acredita que a vitória nas eleições foi consequência de sua militância na Universidade, desde a época em que era aluno do curso de Medicina, há 29 anos. Outro fato importante, na sua opinião, foi a proposta de gestão elaborada durante onze meses e que teve a participação expressiva de docentes e funcionários. "Nossa proposta enfatizou a necessidade de crescimento da UNESP com qualidade", ar-



Arthur, entre simpatizantes, durante o anúncio dos resultados: vitória expressiva

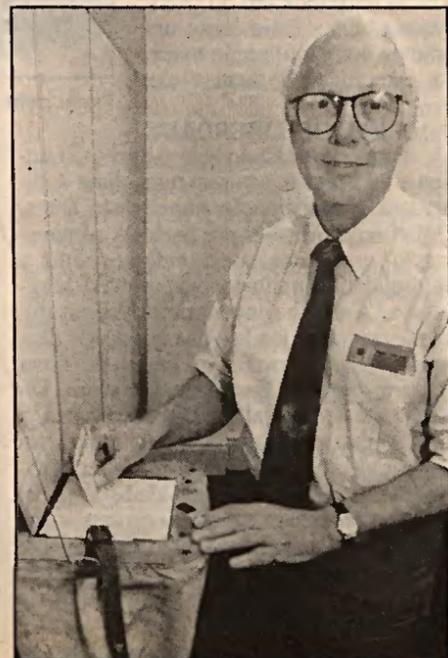
gumentada. "Decidimos destacar os aspectos positivos da Universidade."

Para o professor Arthur essa eleição foi a mais democrática já ocorrida na Universidade. Ele afirma que o fato de ter ganho com a maioria dos votos nos três segmentos só lhe conferiu maior responsabilidade. "O processo paritário me deu legitimidade inquestionável", observa ele. "Quero fazer uma administração participativa, na qual toda a comunidade tenha acesso a cada etapa da gestão."

O professor Perri não quis dar entrevista ao **Jornal da UNESP** sobre o proces-

so sucessório. Na reunião do Colégio Eleitoral, no dia 29 de outubro, ele distribuiu um comunicado onde destaca que teve de lutar contra muitas barreiras para defender uma proposta de gestão "pautada na análise da realidade da UNESP e numa diretriz participativa e de valorização acadêmica". No texto, o pró-reitor de Graduação afirma ainda que sua candidatura contribuiu para o exercício da democracia na Universidade e deseja aos eleitos um bom trabalho.

Presidente da Comissão Eleitoral Central, o professor Dib Gebara, da Faculdade de Engenharia (FE) de Ilha Solteira, assina-



Landim, ao votar: neutro na campanha

la que o significativo resultado obtido pela chapa 1 foi decorrência principalmente dos votos dados por professores e funcionários. "Esses dois segmentos tiveram agora uma participação muito maior do que nas eleições anteriores." Ele ressalta que cerca de 88% dos servidores e 85% dos docentes compareceram às urnas, enquanto apenas 58% dos alunos votaram (*veja quadro e tabelas*). Os números citados por Gebara se tornam mais representativos se comparados aos da última eleição realizada em dezembro de 1988. Nessa ocasião, participaram do pleito apenas 68,43% dos docentes, 50,19% dos

Os números da eleição

A categoria que teve maior presença nas eleições para reitor e vice-reitor da Universidade foi a de funcionários. Do total de 7.439 eleitores, 6.607 compareceram às urnas, ou seja, 88,8%. Os docentes tiveram um quórum próximo ao dos funcionários: de 3.649 eleitores, votaram 3.127 (85,6% do total). Já o comparecimento do corpo discente foi bastante inferior — 58,1% —, com 11.780 votantes num total de 20.247 eleitores.

A FC-Bauru foi a unidade que obteve o maior quórum entre os funcionários — 100% dos 57 eleitores votaram. O menor quórum foi registrado em Presidente Prudente — 82,75% dos 237 funcionários da FCT compareceram às urnas.

Já entre os docentes, o maior índice de comparecimento também foi no câmpus de Bauru — 92,1% na FAAC, 91,2% na FC, e 90,5% na FET. O menor quórum foi na FHDSS-Franca, com a presença de 67,7% dos 96 professores.

No caso dos alunos, a FO-São José dos Campos foi a que contabilizou o maior índice de presença dos eleitores — dos 221 alunos, 210 votaram, ou seja, 95% do total. O menor

percentual foi registrado no IQ-Araçatuba, com 26,5% do eleitorado. A presença dos alunos também foi inferior a 50% em outras seis unidades: IA-São Paulo (30,6%), FCL — Araçatuba (33%), FCL-Assis (36,1%), FHDSS-Franca (44,3%), FCT-Presidente Prudente (49,2%) e IGCE-Rio Claro (49,8%).

Desempenho dos candidatos

Do total de 26 unidades (24 unidades universitárias, Reitoria e IFT), a chapa Arthur-Antonio Manoel foi vitoriosa nos três segmentos: junto aos docentes e funcionários, venceu em 21 unidades, e, com os alunos, em 14. Seu melhor desempenho, entre os docentes, foi verificado no IB-Botucatu, onde ficou com 92,7% do total de votos. Junto aos alunos e funcionários, a chapa 1 foi melhor votada na FM-Botucatu, com 97,5 e 93,6% dos votos, respectivamente.

A chapa integrada pelos professores Perri e Joji Ariki foi a mais votada pelos docentes e funcionários em cinco unidades, e, pelos alunos, em dez. O melhor desempenho da chapa 2, entre os professores, foi na FCAV-Jaboticabal, com 64,3% dos votos. Foi também nessa uni-

dade que obteve sua melhor votação junto aos funcionários, com 60,6% do total. Entre os estudantes a chapa teve a melhor votação na FO-Araçatuba, onde recebeu 93,2% dos votos.

Pontuação

Na transformação dos votos em pontos, aplicando-se o índice da relação número de eleitores pelo número de votantes — seguindo decisão do Colégio Eleitoral —, a chapa Arthur-Antonio Manoel confirmou sua vitória, pois foi hegemônica nos três segmentos.

Entre os docentes, Arthur-Antonio Manoel obtiveram 1.711 pontos (índice de 0,857 x 1.996 votos). Perri-Joji ficaram com 852 pontos (0,857 x 994 votos). No segmento técnico-administrativo, o índice de 0,888 proporcionou à chapa vencedora 4.219 pontos (4.751 votos), contra 1.237 pontos de Perri-Joji (1.393 votos). Os votos de 6.492 alunos (índice de 0,582) renderam a Arthur-Antonio Manoel 3.778 pontos, enquanto os 4.866 votos de Perri-Joji resultaram em 2.832 pontos. Na soma total dos pontos, a chapa Arthur-Antonio Manoel ganhou com 9.708 pontos (66,4%), contra 4.921 (33,6%) obtidos por Perri-Joji.

ELEIÇÕES

funcionários e 14,91% dos alunos. Na época, o Diretório Central dos Estudantes (DCE) decidiu boicotar as votações por causa da derrota da proposta de paridade no Colégio Eleitoral. Gebara avalia que houve um interesse maior das categorias nesta eleição devido ao engajamento das congregações locais no processo eleitoral e também à recente conjuntura política que levou ao impeachment do presidente Collor. "Hoje existe um grau de conscientização maior da comunidade", analisa ele.



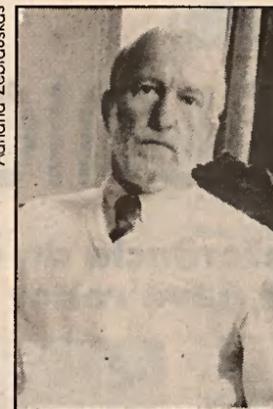
Perri: pela democracia



Joji: vitória na FCAV



Jehud: terceiro nome



Amilton: indicado vice

CLIMA DE LIBERDADE

Para o reitor Paulo Milton Barbosa Landim as eleições ocorreram num clima de liberdade e participação nunca visto antes. "Não houve pressões por parte da administração", assegura ele, que preferiu manter a neutralidade durante todo o processo de sucessão. "A escolha do reitor é de responsabilidade da comunidade e não dos atuais dirigentes." Para o professor Paulo de Tarso Oliveira, diretor da Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS) de Franca, a UNESP deu um passo importante rumo à democracia pelo fato da comunidade ter participado das eleições com igualdade de votos. "Nesse contexto, a vitória do professor Arthur foi extremamente significativa", afirma ele. Na opinião do professor Cândido Giraldez Vieitez, diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) de Marília, houve um interesse maior dos três segmentos nas eleições devido também ao contato dos dois concorrentes com a comunidade durante a campanha. "Na minha unidade os candidatos participaram de muitos debates e conseguiram mobilizar os eleitores", opina ele.

VOTAÇÃO PARITÁRIA

Mesmo tendo uma opinião contrária à paridade na eleição, o professor Landim



Reunião do colégio eleitoral: resultados homologados e listas triplíplex definidas

acredita que através desse processo houve uma adesão maior de alunos. "O comparecimento ficou pouco acima de 50% mas já é significativo", observa. Ele acredita que os professores são os principais responsáveis pelo destino da Universidade e, portanto, seu voto deveria ter um peso maior na es-

colha do reitor. "São os docentes que passam o maior tempo dentro dos câmpus." Já os estudantes criticam o modo como foram calculados os índices do seu segmento. Para eles, deveria ter sido levado em conta o número total de alunos que frequentam as aulas e não aqueles que estão matriculados

nos cursos. "Cerca de 15% do total de eleitores da nossa categoria não estão estudando na Universidade", avalia Marcelo Alves Nishikita, da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) de Presidente Prudente, representante dos alunos no Cade. Quanto à participação discente na eleição, Verena Glass, uma das coordenadoras do DCE, explica que houve dificuldade em mobilizar os alunos de pós-graduação e dos colégios técnicos. "Para resolver esse problema estamos procurando reativar os diretórios acadêmicos de todas as unidades."

Outra reivindicação do DCE e também de representantes dos servidores e docentes é que a consulta paritária seja incluída no Estatuto e estendida para a eleição de diretores e chefes de departamento de cada unidade. "Foi uma luta conquistar a paridade, mas ninguém garante que esse princípio será respeitado na próxima eleição", alerta Airton Germano Picco, representante suplente no CO dos funcionários da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) de Araraquara. E ele vai mais longe. Na sua opinião, é necessária uma reformulação no Estatuto para extinguir o Colégio Eleitoral. "O processo de consulta e as eleições podem ocorrer sem a intervenção desse órgão."

A mesma idéia tem a professora Carlota Boto, representante docente no CO da FCL-Araraquara. Ela acha que é necessária uma adequação do Estatuto à realidade da UNESP. "Sem dúvida, essas eleições foram mais democráticas devido à paridade de votos, mas é necessário que esse mecanismo seja adotado em todos os processos eleitorais." Na sua opinião, o professor Arthur ganhou com grande respaldo da comunidade e isso o legitimou no cargo. "Mas espero que na sua gestão haja reformulação do Estatuto."

Os resultados nos três segmentos

CÂMPUS	UNIDADE	DOCENTES						DISCENTES						TÉCNICO E ADMINISTRATIVO					
		Eleitores	Votantes	B	N	Chapa 1	Chapa 2	Eleitores	Votantes	B.	N.	Chapa 1	Chapa 2	Eleitores	Votantes	B.	N.	Chapa 1	Chapa 2
Araçatuba	FO	135	114	0	3	50	61	473	356	0	0	24	332	267	238	4	6	103	125
Araraquara	FCF	76	63	2	0	41	20	348	216	0	5	112	99	221	184	3	19	125	37
	FO	110	94	1	7	71	15	358	252	3	2	210	37	255	239	6	17	181	35
	FCL	195	166	9	8	80	69	1.444	478	1	17	149	311	175	156	4	18	62	72
Assis	IQ	79	72	3	6	49	14	320	85	2	2	47	34	164	136	4	16	90	26
	FCL	172	148	3	5	103	37	1.112	402	7	73	190	132	189	169	3	16	93	57
	FAAC	127	117	2	2	80	33	1.299	679	2	26	518	133	65	56	0	3	25	28
Bauru	FC	172	157	3	3	115	36	945	607	1	2	529	75	57	57	4	3	34	16
	FET	148	134	1	1	112	20	1.574	1.244	9	52	867	316	401	345	5	19	233	88
	FCA	110	96	3	0	86	7	656	357	2	7	319	29	359	299	2	15	259	23
Botucatu	FM	252	235	2	4	213	16	967	801	7	5	781	8	1.766	1.602	57	13	1.501	31
	FMVZ	87	79	0	2	63	14	436	305	3	6	267	29	261	245	4	9	216	16
	IB	168	152	1	1	141	9	312	213	3	3	196	11	250	233	2	9	212	10
Franca	FHDSS	96	65	0	0	51	14	857	380	2	9	185	184	107	95	1	3	86	5
Guaratinguetá	FE	194	172	0	2	108	62	1.282	887	6	16	755	110	204	190	1	14	137	38
Ilha Solteira	FE	198	147	5	4	76	62	751	519	2	18	187	312	312	283	8	9	214	52
Jaboticabal	FCAV	286	255	8	2	81	164	1.338	880	1	6	112	761	680	590	12	52	168	358
Marília	FFC	148	117	1	3	52	61	948	474	4	7	101	362	175	163	0	11	118	34
P. Prudente	FCT	210	150	4	12	61	73	1.316	648	4	35	122	487	237	196	3	22	159	12
Rio Claro	IB	137	121	3	5	55	58	764	439	7	11	101	320	188	160	2	11	62	85
	IGCE	170	144	2	5	85	52	816	407	6	18	77	306	190	165	1	2	82	80
S. J. Rio Preto	IBILCE	192	174	3	4	96	71	1.276	793	6	16	374	397	201	191	4	11	132	44
S. J. Campos	FO	89	76	0	1	69	6	221	210	1	1	201	7	163	148	3	11	105	29
São Paulo	IA	63	50	0	1	35	14	382	117	1	2	57	57	74	64	1	3	44	16
	IFT	29	23	0	0	18	5	52	31	1	2	11	17	16	15	0	0	12	3
	REITORIA	6	6	0	0	5	1	0	0	0	0	0	0	462	388	1	16	298	73
Total Geral		3.649	3.127	56	81	1.996	994	20.247	11.780	81	341	6.492	4.866	7.439	6.607	135	328	4.751	1.393

Obs: B = votos em branco; N = votos nulos

Fellini e Kurosawa visitam Bauru

Trazidos pelo Cineclube da UNESP, os filmes de arte chegam à cidade e fazem sucesso entre o público

De uns meses para cá, a vida cultural de Bauru ganhou mais um endereço obrigatório. Sem muitas opções, além dos filmes do circuito comercial, o público agora está atento ao que passa na tela do Bauru 2, no centro da cidade. Nesse cinema já foram exibidas películas que antes só podiam ser vistas em Campinas e São Paulo ou então em fitas de vídeo, como *A voz da lua*, de Federico Fellini, e *Rapsódia em agosto*, de Akira Kurosawa. Isso foi possível graças à iniciativa do Cineclube da UNESP, cuja luz, câmara e ação dependem de dez estudantes do câmpus local.

"Já conquistamos nosso espaço na cidade", assegura Roberto Nunes, aluno do segundo ano do curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade de Ciências. Coordenador do cineclube, Roberto espera conseguir patrocínio para que as sessões, feitas sempre às quartas e quintas-feiras às 22h, tenham maior regularidade. "Pretendemos garantir exibições a cada quinze dias, o que ainda não conseguimos." Aliás, o último filme projetado em outubro, *Loucos pela fama*, de Alan Parker, já contou com o apoio de duas empresas. O dinheiro dos patrocinadores, Cr\$ 2 milhões, ajudou a custear o aluguel da fita, que foi de Cr\$ 1,5 milhão, e da sala de cinema — Cr\$ 800 mil por dois dias.

O restante dos gastos foi coberto pela bilheteria, que tem deixado a equipe do cineclube bastante satisfeita. "Nossa média de público é superior à do restante da cidade", comenta Roberto. Ele lembra que cerca de

quinhentas pessoas assistiram às duas exibições de *Eduardo II*, de Derek Jarman, e seiscentas compareceram às de *Loucos pela fama* (o Bauru 2 tem 450 lugares). "Nosso público é basicamente formado pela comunidade do câmpus e pela classe média intelectualizada da região", analisa. Porém, o maior sucesso das sessões até agora foi *Rapsódia em agosto*, visto por quase oitocentas pessoas em duas projeções, sendo que a maioria dos espectadores era de origem japonesa. "Até pensamos em passar apenas filmes do Kurosawa, para garantir a presença da colônia", brinca Roberto.

TRABALHO E TALENTO

A exibição de filmes no Bauru 2 acontece no momento em que o Cineclube da UNESP completa um ano de vida um tanto atribulada. Criada em agosto de 1991, a entidade de início apresentava curtas-metragens nacionais no próprio câmpus, o que durou até o mês de novembro. No primeiro semestre deste ano, devido às dívidas com as distribuidoras dos curtas, os estudantes pararam suas atividades. Pagos os débitos, o grupo partiu para um projeto mais



Roberto, o coordenador: espaço conquistado

ambicioso: "Resolvemos mostrar filmes de arte fora do câmpus", explica Roberto. O primeiro fruto dessa nova fase foi a projeção de *A voz da lua* em junho.

Para que as boas películas possam encher os olhos dos cinéfilos de Bauru, os estudantes também investem muito trabalho

e talento. A equipe coloca nos convites para as sessões a sinopse do filme, sua ficha técnica e algumas críticas recebidas. O material de divulgação é feito com projeto gráfico próprio, que fica a cargo dos alunos Fábio de Paula e Marcelo Miguel, ambos do terceiro ano do curso de Desenho Industrial da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. Já os releases enviados à imprensa são elaborados por Júlio de Paula e Renata Bauab, que estão no terceiro ano de Rádio e TV da FAAC. Membro do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, Roberto costuma aproveitar as reuniões do órgão, em São Paulo, para retirar as fitas nas distribuidoras da capital. "E o dinheiro da minha estada em São Paulo e das outras pessoas da equipe para coisas como xerox, por exemplo, sai do nosso próprio bolso."

Apesar do bom desempenho no Bauru 2, muita gente pediu que o grupo voltasse a exibir filmes no câmpus. A reivindicação será atendida em breve, já que a Pró-reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários liberou em outubro Cr\$ 1,5 milhão para o cineclube mostrar novamente os curtas. Roberto, no entanto, reclama que o dinheiro cobre apenas parte das despesas e demorou muito tempo para sair. Ele pede a reformulação do Programa de Atividades Culturais. "O PAC deveria ter um processo mais rápido de liberação de recursos."

O desejo do coordenador do cineclube é agora levar a experiência de sua equipe aos demais câmpus da UNESP. "Gostaríamos de entrar em contato e discutir nossa proposta com todas as pessoas interessadas." Roberto também comemora a apresentação em novembro de mais dois filmes garantidos por patrocinadores. O primeiro deles é *O Intruso*, de Vincent Ward, a ser exibido nos dias 18 e 19, e, para fechar o ano, *A última tempestade*, em data ainda a ser confirmada.

ESPORTE

Os meninos voadores

Em Rio Claro, a garotada do trampolim acrobático consegue títulos e mostra a beleza do esporte em suas piruetas

O grupo não é formado por aviadores, saltadores de asa-delta ou pilotos de ultraleve. Na verdade, a maioria de seus componentes nem tem idade para isso. Mas eles voam diariamente. E como se não bastasse alcançarem alturas de mais de sete metros, ainda realizam complicadas evoluções no ar. As crianças que fazem parte da equipe de trampolim acrobático do Instituto de Biociências de Rio Claro já ganharam muitos prêmios com o esporte e não querem saber de outra vida. "Tenho paixão pelo trampolim", conta Fábio Dezan, 14 anos, campeão brasileiro juvenil de trampolim e minitrampolim. Ele é um dos trinta atletas que participam desse serviço de extensão, comandado pelos professores Fernando Brochado e sua esposa Mônica, do Departamento de Educação Física. Os docentes ajudaram a introduzir o esporte no País e entusiasmam-se ao falar sobre suas vantagens. "O trampolim não desgasta as

crianças e ao mesmo tempo dá uma excelente condição física", detalha Fernando.

A UNESP desenvolve duas modalidades de trampolinismo: a primeira é o trampolim acrobático, onde o atleta começa a pular na cama elástica que impulsiona os saltos, até alcançar a altura desejada. A segunda é conhecida como duplo minitrampolim, no qual uma pequena corrida antecede o salto, feito em uma pequena cama elástica. No ar, a complexidade das piruetas é tamanha que não dá para imaginar como os atletas conseguem sincronizá-las. "Os movimentos são incorporados gradativamente, até que se possa integrá-los e compor o exercício", explica Fernando.

Apesar de não haver idade limite para praticar o trampolinismo, ele lembra que, se a criança tiver entre oito e dez anos, seu desenvolvimento será maior. "A educação motora é facilitada neste período", explica. O biotipo apropriado para um melhor desempenho



Aluna salta, observada pelo resto da equipe: movimentos belos e vigorosos

é a estatura média ou baixa, que facilitam as rotações do corpo. Uma boa coordenação motora também é fundamental.

Treze dos trinta integrantes da equipe foram classificados no último campeonato brasileiro, realizado em julho na Capital. Eles foram convidados para o Mundial, que aconteceu em setembro na Nova Zelândia, mas não puderam comparecer por falta de patrocínio. O professor Fernando Brochado esteve no campeonato, chefiando a equipe brasileira

e também atuou como delegado do Brasil no Congresso Mundial de Trampolinismo. "Por ser um esporte novo, que tem cerca de vinte e cinco anos no mundo e dois no Brasil, ainda passa por algumas modificações em suas regras." Agora, o próximo passo é o Torneio Nacional Aberto, que acontece em dezembro na cidade de Viçosa, em Minas Gerais. Treinando todos os dias, os meninos voadores da UNESP de Rio Claro se preparam para repetir a performance do último campeonato.

O CANTO ESPIRITUAL DAS SEREIAS

A visão mística de Guimarães Rosa

Muito já se disse e muito ainda será dito sobre João Guimarães Rosa, especialmente neste ano, em que se completam 25 anos de sua morte. Os estudiosos e críticos mencionam o escritor monumental de *Grande Sertão: Veredas*, que forjou no sertão uma das mais acabadas metáforas para a existência humana e foi traduzido em mais de cinco idiomas, tendo sido reconhecido como um dos pilares da literatura universal. É também muito lembrado o criador de língua, que inventou centenas de vocábulos e revitalizou tantos outros. Fala-se ainda do médico, do diplomata, do poliglota. Mas do homem Guimarães Rosa, de sua formação e crenças pessoais, que atravessam também a sua obra, pouco se sabe.

Foi justamente esse aspecto ainda obscuro de Rosa que chamou a atenção da professora e pesquisadora de Literatura Brasileira do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto (Ibilce), Hygia Therezinha Calmon Ferreira. Estudando por mais de dez anos a vida e a obra desse escritor, mineiro de Cordisburgo, ela encontrou um grande número de referências, que vão da religião à filosofia, da literatura à metafísica. Em cartas, entrevistas, depoimentos de familiares e amigos do escritor, discursos do período em que ele foi diplomata e mais uma série de documentos, Hygia foi buscar subsídios para sua tese de doutorado *As Sete Sereias do Longe*, defendida no Ibilce em junho do ano passado, e que obteve nota máxima. "A pesquisa levantou várias facetas de Rosa, e através delas pude perceber que a metafísica, a religião e a poética não podem ser dissociadas dentro do seu universo", argumenta a pesquisadora, que recebeu pela tese o prêmio Joaquim Nabuco, da Academia Brasileira de Letras.

Um dos pontos mais interessantes desse trabalho é que se trata do primeiro estudo crítico que inclui a análise do livro *Magma*, escrito em 1936 e inédito até hoje. A obra, composta de 91 poemas, é um documento raro que Hygia trouxe à luz, e que agora, após a divulgação feita pela tese, tem chances de ser publicada (ver texto nesta página). "É estranho que um livro desses tenha ficado de lado na obra do escritor e não seja sequer citado em sua bibliografia", opina Hygia. No *Magma*, primeiro livro de Rosa, ela encontrou um farto material para o seu estudo. "Afinal, ali estão várias sementes que depois se espalha-



O escritor com seus gatos: influências religiosas que vão de Cristo ao Tao

ram pela obra do autor", acredita. Além do *Magma*, Hygia encontrou ainda um conto desconhecido, *El Imperador*, publicado na Argentina, e o esboço da novela *O Imperador*, ambos da década de 60.

LINHAS CINTILANTES

No seu primeiro estudo sobre o escritor, a dissertação de mestrado *A Sagrada Escrita de João Guimarães Rosa*, de 1983, Hygia havia abordado o sentido esotérico da literatura de Ro-

sa, a partir de *O Recado do Morro* e *Cara de Bronze*, dois contos do livro *No Urubùquaquá, no Pinhém*. Ali, ela procurou dissecar duas "linhas cintilantes", que o próprio Rosa formulou, onde se encontram influências caras ao escritor. A primeira traz Platão, Bergson, Berdiaev e Jesus Cristo. A segunda soma à primeira nomes como os de Plotino, São João, São Paulo, Tao, Veda e Upanixades, misturando expressões da filosofia e espiritualidade ocidentais e orientais. "A partir daí, procurei identificar como estas crenças influenciaram a obra de Rosa", explica. Hygia concluiu que, para o escritor, as incursões esotéricas, as religiões e até as sociedades secretas não eram um fim em si, mas instrumentos para chegar ao que ele chamava de "metafísica da palavra". "As personagens de Rosa têm como meta subir à poesia e à metafísica, ascender a planos místicos", enfatiza.

Para realizar seu trabalho de doutorado, Hygia ainda tinha em mente aquelas "linhas cintilantes", que traduziam a visão mística de Guimarães Rosa. Só que ela queria ampliar o horizonte do trabalho, estendendo-o para toda a obra escrita — inclusive os inéditos — e abordando também o restante das referências encontradas na obra e documentos pesquisados. Assim, ela elaborou dois roteiros, um da leitura filosófica e espiritual, com

Obra inédita de um jovem poeta

Os 91 poemas de *Magma*, único livro de poesias conhecido de João Guimarães Rosa, aguardam publicação há 56 anos. Ninguém sabe ao certo por que a obra só circulou nas mãos de uns poucos estudiosos e amigos do escritor. É difícil de entender, também, como esses escritos ficaram à margem de uma obra conhecida e pesquisada exaustivamente no Brasil e no exterior. No seu trabalho sobre o livro, a professora Hygia Ferreira levantou algumas possíveis respostas a estas perguntas.

Magma foi escrito para participar de um concurso promovido pela Academia Brasileira de Letras, em 1936. Não só ganhou o prêmio, como os jurados desistiram de atribuir uma segunda colocação, sob a alegação de que nenhum dos outros concorrentes se comparava a ele. Na época, Rosa escreveu cartas a amigos onde dava a publicação do livro como certa.

Segundo seus familiares, no entanto, com o tempo ele se desinteressou de ver

editados os poemas. Hygia conta que uma amiga do escritor teria dito à sua filha Vilma que ele não queria publicar o *Magma* pois não gostaria de se mostrar em público "descabelado, com a barba sem fazer e as unhas compridas, todo desarumado". Vilma diz nunca ter ouvido do pai nada parecido.

Para refutar a possível negação do autor em relação ao livro, Hygia lembra do discurso feito por ele na ocasião da entrega do prêmio, na Academia Brasileira de Letras, em 1937: "O *Magma* aqui dentro reagiu, tomou vida própria, libertou-se do meu desamor e se fez criatura autônoma, com quem talvez eu não esteja de acordo, mas a quem a vossa consagração me força a respeitar".

Há quatro anos uma cópia do *Magma* se encontra na Editora Nova Fronteira, do Rio de Janeiro. Hygia diz que há outra, na Oficina Literária Afrânio Coutinho, através da qual ela conseguiu a

sua, e uma terceira, no acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, que não pode ser consultada. Haveria também um exemplar na Academia Brasileira de Letras, que está desaparecido. Depois de ter conversado com as herdeiras de Rosa, a pesquisadora acredita que agora há um consenso sobre a liberação da obra para publicação, que a Nova Fronteira prometeu para este ano. "Vilma Guimarães Rosa disse que eu sou madrinha do *Magma* e acho que devo lutar pela sua publicação", enfatiza a pesquisadora, que reproduziu na sua tese a cópia integral dos poemas.

Seis poemas do *Magma* foram publicados em 1987, no suplemento *Folhetim* do jornal *Folha de S. Paulo*, mas 85 deles permanecem inéditos. O *Jornal da UNESP* publica nesta edição, com exclusividade, cinco desses poemas, além de uma apreciação crítica da obra.

(M.B.)



OS POEMAS DE "MAGMA"

➤ 63 autores e linhas, e outro da leitura parafilosófica, com 131 nomes, incluindo escritores e poetas, como por exemplo Clarice Lispector e o norte-americano T.S. Elliot. "Com esses dados na mão, me senti mais à vontade para tratar dos principais temas da tese, que são a busca da transcendência, do crescimento espiritual, e a viagem do profano ao sagrado na literatura de Rosa", completa Hygia.

AS SETE SEREIAS

Para tematizar o seu estudo, além dos roteiros, Hygia se valeu de uma frase que encontrou no livro póstumo *Ave Palavra*, que, segundo ela, sintetiza a visão da espiritualidade do escritor. Em um relato sobre uma das suas passagens pela França, intitulada "Do Diário em Paris", Guimarães Rosa escreveu sobre "as sete sereias do longe: si mesmo, o céu, a felicidade, a aventura, o longo atalho chamado poesia, a esperança vendada e a saudade sem objeto". "Com essa alegoria, o escritor define as várias etapas da mutação espiritual, um de seus grandes temas", explica.

A presença destas imagens na ficção de Rosa forma, na prática, um enorme mosaico a partir de trechos escolhidos por Hygia e que servem ao tema central da tese. Ela explica que "as sete sereias" não são necessariamente um caminho linear. Elas representam as diversas maneiras que as personagens roseanas encontram para realizar a ascensão — exercício espiritual — e em cada livro aparecem de uma forma diferente.

Hygia exemplifica com o personagem Riobaldo, figura central de *Grande Sertão: Veredas* e que Rosa via como um *alter-ego* seu. Segundo ela, Riobaldo, ao longo da narrativa do livro, passa por um demorado processo de "demudação", enfrentando uma viagem pelo sertão e outra pelo seu próprio interior. "Este caminho iniciático de Riobaldo, através do 'longo atalho chamado poesia', é um típico caso desta ascensão. Ao final, sua grande descoberta é que a poesia aproxima o homem de Deus", comenta. Outra personagem, Nhinhinha, do conto *A Menina de Lá (Primeiras Estórias)*, é citada pela pesquisadora como um exemplo significativo. Apesar de ter apenas quatro anos de idade, Nhinhinha tem poderes milagrosos, como o de "quase tocar o céu com a mão". Ao final, ela morre, "para ir conversar com os parentes mortos". "A menina também faz esta viagem de aprimoramento espiritual, ouvindo o chamado das 'sereias' apesar da pouca idade", interpreta.

A coleta de material para a tese exigiu de Hygia um esforço à parte. Como ela abordava um tema que mantinha estreita relação com o aspecto pessoal de Guimarães Rosa, foram necessárias entrevistas com familiares e amigos do escritor. A pesquisadora colheu depoimentos da segunda mulher de Rosa, Aracy Moebius de Carvalho, de sua filha Vilma Guimarães Rosa, da secretária Maria Augusta de Camargo Rocha, além de amigos como Afrânio Coutinho, Paulo Rónai e Paulo Dantas. Por meio dessas conversas, Hygia pôde elucidar muita coisa e construir, de maneira mais fiel, o retrato que se propunha a fazer do es-

Angústia

*Estou com medo das roupas da noite,
dos vultos quietos, das sombras das
cousas,
que pulam, longas, com pés tão longos
e de uma cousa fria, qualquer cousa
grande,
que lá do longe, do não sei onde,
vem vindo para mim.
Talvez do fundo das grandes matas por
onde andei,
talvez da terra das cousas vivas que eu
enterrei,
talvez dos cantos do quarto escuro da
minha infância,
talvez das cavernas de dragões negros
de livros que li...
Vem vindo, e o vento está uivando,
vem vindo, e os cachorros estão
soluçando,
vem vindo da treva, para me agarrar...
Talvez ela venha roubar meu amor,
talvez lembrar-me cousas passadas,
talvez buscar-me para a escuridão...
Já está perto, já vem pesando,
vem me apalpando,
vem me apertando,
vem de uma cova,
e eu vou morrer...*

Iniciação

*E nem mais existirá esperança do
trágico...
E no vazio,
em vão apelareis para as grandes
catástrofes,
para a vaidade do ranger de dentes,
para o pavoroso das formas não de
todo feitas,
sob o terrível das forças verticais...
Sumirão as espadas suspensas de fios,
sumirá a mão que escreve nas paredes
do festim velho,
e a Esfinge dormirá nas areias eternas...
Sòmente o segredo, acordado, no
caminho claro,
na encruzilhada de todos os caminhos,
andando na tua frente, desvendado,
mais difícil de crer do que de decifrar...
Teu pensamento, tua fé e teu desejo,
creando, à tua escolha, o teu destino...
E si fôres forte,
olha bem para cima,
para ver como é sorrindo
que morre o teu Pai...*

Lunático

*Vou abrir minha janela sobre a noite
E já bem noite, a lua,
alta a um terço do seu arco,
terá de deslizar pelo meu quarto a dentro,
e passear sobre o meu rosto, adormecido
e lívido,
quando eu sair a sonhar pelas estradas
noturnas,
sem fim, sem marcos, nem encruzilhadas,
que levam à região dos desabrigos...
Sonharei com mares muito brancos,
de águas finas, como um ar dos cimos,
onde o meu corpo sobrenada sôlto,
por entre nelumbos que passam boiando...
Ouvirei a rainha do País do Suave Sonho,
cantando no alto sempre o mesmo canto,
como a sereia do sempre mais alto...
E a janela se fecha, prendendo aqui dentro
o raio suave que prendia a lua...
Para que eu sossobre no mar dos
nenúfares grandes,
onde remoinham as formas inacabadas,
onde vêm morrer, as almas, afogadas,
e onde os deuses se olham como num
espelho...*

(Obs.) Material pertencente ao acervo de Hygia Ferreira; foi conservada a grafia original dos textos.



Hygia: prêmio por tese que exigiu dez anos de estudos

Adriano Zebravskas

Um supersticioso

João Guimarães Rosa, além de religioso, era extremamente supersticioso. Em 1957, tentou se eleger para a Academia Brasileira de Letras, mas não conseguiu. No ano seguinte, teve um infarto. Só tentaria eleger-se de novo em 1963, quando foi escolhido por unanimidade. Entretanto, adiou sua posse, pois, segundo contam amigos do escritor, uma vidente teria lido sua mão e dito que ele morreria ao sentir uma forte emoção. Rosa também quis esperar para tomar posse quando fez 59 anos, pois cinco dos seus tios haviam morrido aos 58 anos.

Em 16 de novembro de 1967 decidiu finalmente tomar posse. Ainda assim, avisou os colegas e familiares que, caso se sentisse mal durante o discurso, faria um sinal para que fosse providenciado socorro. Após o discurso, Rosa teve um acesso de choro, mas continuou passando bem. Três dias depois morreu de infarto, em sua casa.

O QUE HÁ PARA LER

De Guimarães Rosa

(Editora Nova Fronteira)

- Sagarana — 38ª edição
- Manuelzão e Miguilim — 14ª edição
- No Urubùquaquá, no Pinhém — 8ª edição
- Noites do Sertão — 10ª edição
- Grande Sertão: Veredas — 24ª edição, acompanhada de textos de Franklin de Oliveira e Paulo Rónai.
- Primeiras Estórias — 22ª edição

- Tutaméia — 7ª edição
- Estas Estórias — 5ª edição
- Ave Palavra — 4ª edição
- A Hora e Vez de Augusto Matraga — 5ª edição

Sobre Guimarães Rosa

Mitologia Roseana, de Walnice Nogueira Galvão (Coleção Ensaio, n.º 37, da Editora Ática)
A Cultura Popular em Grande Sertão: Veredas, de Leonardo Arroyo (José Olympio Editora)

critor. "Seu catolicismo, que na juventude esteve aberto a todas as religiões, no final da vida virou quase um fanatismo", conta.

A pesquisadora pretende continuar estudando a obra de Guimarães Rosa. Atualmente, ela prepara um índice de vocabulário usado por ele nas obras *Estas Estórias* e *Ave Palavra*, que pretende, depois, estender aos demais livros. "Sua obra é um campo riquíssimo, que permite incontáveis níveis de leitura", acentua. Se um dia, numa entrevista, Rosa disse que, escrevendo, descobria sempre um novo pedaço do infinito, já temos uma pista do quanto ainda se poderá dizer dele.

Marcelo Burgos

ENSINO

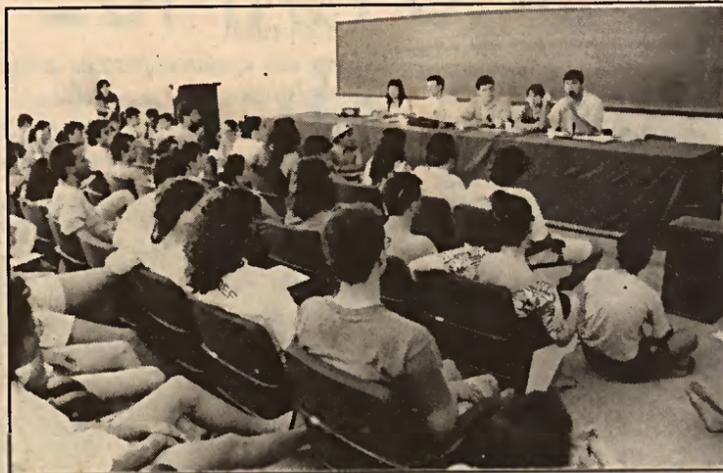
Os alunos levantam suas bandeiras

Os estudantes da UNESP que foram às ruas pedir o impeachment de Fernando Collor de Mello pretendem continuar lutando por seus direitos e ideais. Durante o VI Congresso Estudantil da UNESP, realizado entre os dias 15 e 18 de outubro, na Faculdade de Engenharia do câmpus de Guaratinguetá, cerca de 150 delegados, representando treze Centros Acadêmicos, discutiram junto com os membros do Diretório Central dos Estudantes (DCE) a situação do ensino e a estrutura atual da Universidade. Não faltaram reivindicações e sugestões para a melhoria da qualidade de ensino da UNESP.

Ao todo foram aprovadas no congresso 86 propostas, que incluem desde o aumento do percentual do ICMS para a UNESP, até a desburocratização da instituição em todos os setores (*ver box*). "Foram três dias de debates e trabalhos em grupo, para a elaboração, votação e aprovação dos itens que julgamos básicos para a Universidade", conta Marco Aurélio Falcone, o "Estragado", um dos diretores do DCE, estudante do quarto ano de Engenharia Mecânica, da Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira.

A mobilização dos estudantes da UNESP foi vista como um sinal de maturidade pelo presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE), Lindemberg Farias, presente ao evento. Para ele, a pressão estudantil é essencial na elaboração de um modelo educacional público, gratuito e de qualidade. "O momento é propício às reivindicações, já que a UNE e os estudantes em geral saíram fortalecidos com o resultado do movimento pró-impeachment", disse Lindemberg. "Hoje nós somos chamados a emitir opinião sobre os rumos do País, discutindo questões como política econômica, recessão, privatização e lei de patentes."

O presidente da comissão organizadora do congresso, Marcelo Cássio Necho, do quarto ano de Engenharia Elétrica da Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá, concorda com o presidente da UNE e acredita que a reunião anual promovida pelo DCE teve bons resultados. "Apesar de contar com elementos de ideologias diferentes, o que provoca acalorados debates, no final das contas chega-se a um



Congresso de Guaratinguetá: muita discussão, para melhorar ensino

acordo comum, em defesa dos interesses gerais dos estudantes", declarou.

Durante o VI Congresso Estudantil da UNESP, que contou com a participação do rei-

As propostas

Entre as principais propostas aprovadas no VI Congresso de Estudantes da UNESP, estão:

- Reestruturação do Estatuto da Universidade, com discussões em todos os segmentos
- Avaliação dos cursos por comissão de ex-alunos e profissionais
- Captação de recursos da iniciativa privada para projetos de extensão
- Ampliação do acervo das bibliotecas
- Criação de mecanismos de divulgação da pesquisa
- Defesa da autonomia administrativa e financeira de cada câmpus
- Avaliação dos docentes da Universidade
- Aumento da participação dos alunos nos órgãos colegiados
- Valorização dos recursos humanos
- Promoção de programas de intercâmbio entre os cursos da mesma área, visando à criação de um projeto interdisciplinar de atuação
- Melhoria do programa assistencial da UNESP (moradias, restaurantes etc.)

tor Paulo Landim na cerimônia de abertura, também foi discutida a próxima eleição para o DCE, que deve ocorrer até o final deste ano, assim como uma possível alteração na estrutura da entidade. De acordo com Eder Roberto da Silva, aluno do terceiro ano de Arquitetura, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicações de Bauru, a atual composição do DCE é inadequada à realidade da UNESP. "Com apenas quatro membros na direção, torna-se difícil mobilizar cerca de 20 mil alunos", critica Eder, lembrando que os câmpus de São José dos Campos e Marília estiveram ausentes da reunião. A proposta foi analisada e deveria ser votada no princípio de novembro.

Quem participou do congresso trabalhou muito, mas também se divertiu. O encontro contou com apresentação do grupo Língua de Trapo, Beto Miranda, bandas de rock e grupos de pagode locais. Os alunos ficaram alojados nas salas de aula da Faculdade de Engenharia, sua alimentação foi patrocinada por empresas da cidade e o transporte ficou a cargo da própria UNESP. Também contribuíram para o bom andamento do evento a Prefeitura de Guaratinguetá e o Clube de Aeronáutica da região, que colaboraram na confecção de faixas e montagem de barracas e mesas para as refeições. "Quem veio sentiu a seriedade do movimento estudantil dentro da UNESP", comenta Marcelo Necho. **Emi Shimma**

RIO CLARO

Pós em Matemática abre as inscrições

Entre os dias 3 e 20 de novembro, estarão abertas as inscrições para a seleção dos cursos de pós-graduação em Matemática do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, câmpus de Rio Claro. Os cursos começarão no primeiro semestre de 1993. Há dez vagas em nível de Mestrado para a área de concentração em Fundamentos da Matemática. Em Educação Matemática, área de concentração em Ensino e Aprendizagem da Matemática e seus Fundamentos Filosófico-Científicos, existem doze vagas para mestrado e seis para doutorado.

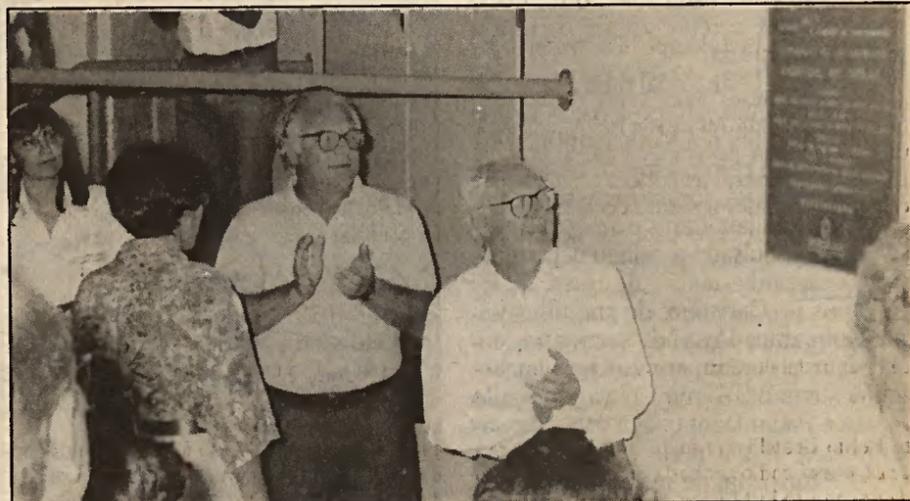
A prova de seleção será realizada no período de 1 a 4 de dezembro e os candidatos devem apresentar, entre outros documentos, o diploma universitário em Matemática (Licenciatura Plena ou Bacharelado) ou de outros cursos superiores, a critério do Conselho de Área, além de curriculum vitae. Maiores informações pelo telefone (0195) 34-0122, na Diretoria Técnica Acadêmica, seção de Pós-Graduação.

ARARAQUARA

Odontologia ganha novas salas e museu

Duas inaugurações movimentaram a Faculdade de Odontologia do câmpus de Araraquara no mês de outubro. No dia 19, com a presença do reitor Paulo Landim, foi entregue uma Central de Aulas, composta de duas salas tradicionais para o ensino audiovisual, com capacidade para noventa alunos cada uma, e ainda um auditório com 144 lugares, destinado a aulas e eventos.

Na mesma solenidade, foram inauguradas as novas dependências do Museu Odontológico, que passa a abrigar em seu acervo as inúmeras peças que caracterizam a evolução da Odontologia nas diversas épocas. Toda a nova área está localizada no pavimento térreo do bloco de Odontologia. "Essas inaugurações são motivo de orgulho e satisfação para todos os integrantes da Faculdade", comenta o professor Luís Roberto Ramalho, diretor da FO. "Foi uma grande vitória alcançada", conclui.



Ramalho e Landim durante a inauguração da central de aulas: salas e auditório

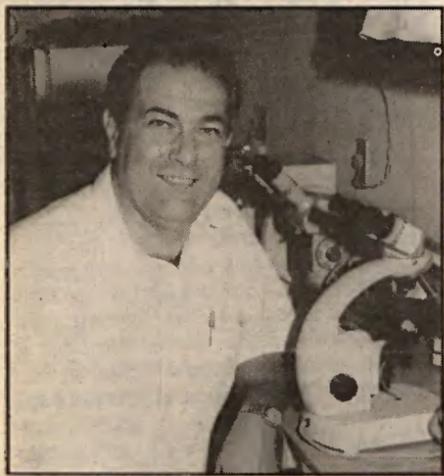
BOTUCATU

Manifesto por um País melhor

A tenta aos caminhos do Brasil depois do impeachment, a congregação do Instituto de Biociências (IB), câmpus de Botucatu, elaborou, no dia 7 de outubro, um manifesto a ser enviado às autoridades do País. Assinado pelo diretor do IB, Cecílio Linder, o documento repele a possibilidade de renúncia de Fernando Collor de Mello ou de qualquer outro tipo de acordo. A única alternativa, de acordo com o manifesto, seria o julgamento do presidente afastado pelo Senado e pela Justiça. Segundo o texto, o presidente em exercício deve ter o dom da negociação e é necessário haver um entendimento nacional "para trazer a paz, o progresso e o bem-estar à família brasileira". Também é proposta a continuidade dos processos de investigação em andamento e o "esclarecimento dos demais casos suspeitos de corrupção que pairam no ar, com a convocação de todos os envolvidos".

O manifesto apóia a continuidade da política de privatização, o fim das reservas de mercado e o enxugamento da máquina estatal. Ao mesmo tempo, assinala que a condução dos negócios públicos seja honesta e transparente. É também enfatizada a necessidade do fim dos privilégios: "... todo e qualquer privilégio é sempre odioso". Finalizando, o documento elaborado pela congregação do IB exige que o sacrifício pelo País seja compartilhado por todos, e não só por alguns, "para que o preço pago pelo povo não tenha sido em vão".

DESTAQUE



Perri: medalha pelas diversas atividades

Prêmio de Odontologia

O vice-diretor da Faculdade de Odontologia do câmpus de Araçatuba (FOA), Paulo Sérgio Perri de Carvalho recebeu, no dia 29 de outubro, a medalha "Dr. Luiz César Pannain". Na cerimônia de entrega promovida pelo Sindicato dos Odontologistas do Estado de São Paulo, na Câmara Municipal de São Paulo, foram agraciados os profissionais da odontologia que mais se destacaram em 1991.

O prêmio atende à indicação da Sociedade Brasileira de Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial, área em que Paulo Perri coordenou o curso de pós-graduação da FOA por três anos. O vice-diretor destacou-se também por sua produção científica, tendo trabalhos publicados em revistas nacionais e internacionais, na área de cirurgia.

O Colégio Técnico do câmpus de Guaratinguetá está sob nova direção. No dia 9 de outubro, em sessão solene no Anfiteatro II da Faculdade de Engenharia, Alcy Barreira Carrinho transmitiu o cargo de diretor a Benedito Osni Ferreira, que cumprirá um mandato de quatro anos.

A Delegacia Regional de Botucatu da Associação dos Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo elegeu sua nova diretoria, no último dia 10 de agosto. Entre os eleitos estão três professores da UNESP: Ricardo Veiga (novo delegado regional), Hélio Grassi Filho (vice-delegado) e Antonio de Pádua Sousa (tesoureiro).

EDUCAÇÃO



Ilustração: Célus

Educadores querem nova LDB, já

Para entidades, lei precisa ser aprovada este ano

A demora na aprovação do novo projeto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) tem preocupado as entidades vinculadas ao setor de ensino do País. A liberação da lei depende da votação pelo plenário da Câmara dos Deputados de 1.263 emendas apresentadas ao substitutivo do deputado Jorge Hage, pelas Comissões Técnicas de Educação, Cultura e Desportos, de Constituição e Justiça e de Finanças e Tributação. Se tudo correr bem, o projeto deverá ser encaminhado até a metade de novembro ao Senado, onde já existe um outro substitutivo, de autoria do senador Darci Ribeiro.

A presidente da Associação dos Docentes da UNESP (Adunesp), Sueli de Lima Mendonça, teme que os trabalhos não cheguem a ser concluídos em prazo viável. "Se não for aprovada ainda este ano, a LDB corre o risco de ficar relegada ao esquecimento até 1995." O temor da dirigente da Adu-

nesp também é compartilhado pelos membros de entidades como o Fórum Nacional de Educação, a Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp) e a Associação dos Docentes da USP. Eles acham que, a partir do ano que vem, a atenção dos políticos estará voltada basicamente para as questões do parlamentarismo e da sucessão presidencial. "Por isso, esperamos que o novo ministro da Educação, Murílio Hingel, tome providências no sentido de agilizar o processo de aprovação do projeto", afirma Sueli.

O projeto foi apresentado pela primeira vez em 1988 e desde então vem sofrendo inúmeros percalços — emendas, destaques e substitutivos. Para o diretor do Departamento de Educação e Cultura da Apeoesp, Ernesto Maeda, a bancada conservadora da Câmara Federal é responsável pela lenta tramitação da lei. "Alguns políticos têm criado empecilhos à aprovação do

substitutivo Jorge Hage, que prioriza a universalização da educação", comenta.

Além de propor o planejamento e administração democrática do ensino, o substitutivo dá ênfase ao ensino gratuito, cria mais facilidades para o trabalhador adolescente e adulto ter acesso à educação, controla as verbas públicas repassadas às escolas privadas, destaca a formação de educadores e prevê a ampliação do ano letivo para 200 dias, com mínimo de 4 horas/aula por dia. "A aprovação da lei sofre atrasos a cada mudança política", lamenta Maeda.

De acordo com Sueli Mendonça, a LDB vigente é a mesma de 1971 e não atende às necessidades do setor no País. "A nova lei é a única forma de se reduzirem os índices de analfabetismo brasileiro, proporcionar melhores oportunidades a um maior número de pessoas e elevar a qualidade de vida da população", conclui.

JABOTICABAL

Resíduos são tema de workshop

Uma cidade como São Paulo produz cerca de 7 mil toneladas de lixo por dia. Tamanho volume de resíduos gera inúmeros problemas com a coleta, seletividade, tratamento e destino final do que é recolhido. Através do Programa Parceria, a Fundação para o Desenvolvimento da UNESP (Fundunesp) vem detectando uma crescente demanda dos governos do Estado e dos municípios por soluções para esse desafio. Por isso, está promovendo nos dias 11 e 12 de novembro, no câmpus de Jaboticabal, o I Workshop sobre Resíduos Sólidos. Do evento participarão cerca de trinta docentes ligados à área, dos câmpus de Jaboticabal, Araraquara, Bauru, Botucatu, Guaratinguetá e Rio Claro.

O workshop será coordenado pelo arquiteto Helvio Guatelli, consultor do Programa Parceria, e terá como proposta o desenvolvimento de um projeto institucional para integrar os trabalhos existentes sobre resíduos sólidos, especial-

mente os resíduos industriais e hospitalares. Para discutir melhor as questões, os pesquisadores se dividirão em grupos temáticos de trabalho: tecnologia, meio ambiente, legislação, social e de planejamento e gerenciamento técnico e financeiro. Além dos professores, também estarão presentes representantes da Secretaria Estadual do Meio Ambiente e da Cetesb, agência ambiental paulista.

Guatelli reconhece que a UNESP ainda não dispõe de experiência e metodologia suficientes para a abordagem interdisciplinar de pesquisas em resíduos sólidos. No entanto, ele acredita que o Workshop dará um painel aprofundado da produção científica dos docentes da Universidade e poderá estabelecer relações entre várias áreas ligadas a esse tema. "Dessa forma, teremos condições de analisar a participação da Universidade em futuros projetos junto ao Estado e aos municípios."

SÃO PAULO

Homenagem ao maestro Villani

O professor Edmundo Villani Cortes, do Departamento de Música do Instituto de Artes (IA), em São Paulo, é um nome desconhecido do público. Mas entre os músicos é um grande destaque. Em quarenta anos de carreira como pianista, arranjador, maestro e compositor de peças para canto e instrumentos como flauta, saxofone e clarinete, Cortes coleciona prêmios conquistados em festivais de música do Brasil e do exterior. Acompanhou como pianista cantores consagrados como Altemar Dutra e Maysa, e ganhou o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) como melhor compositor de peça vocal para canto e piano em 1991, usando poemas de Cecília Meireles. Como reconhecimento dos méritos de Cortes, a escola de música Arte Livre e o Movimento Ritmo e Som do IA promoveram cinco recitais com obras exclusivas do compositor nos dias 23 e 24 de outubro na Igreja Nossa Senhora de Guadalupe, no Ibirapuera, e nos dias 4, 5 e 6 de novembro, no próprio IA.

As peças foram executadas por professores e alunos da UNESP e também por grupos de música popular e erudita.

"Fiquei muito emocionado com a homenagem", comenta o músico, que há dez anos é professor de composição e contraponto do Instituto. Aliás, pelo fato de exercer um cargo na Universidade, ele foi obrigado a abandonar a atividade de pianista que tinha no Quinteto Onze e Meia do programa Jô Soares, exibido de segunda à sexta pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT).

A idéia de realizar o evento partiu da escola de música Arte Livre, que entre os dias 22 a 25 de outubro realizou um concurso de piano com músicos de todo o País. Nesse evento, Cortes foi homenageado por instrumentistas que tocaram algumas de suas composições. "Mas infelizmente no Brasil só são conhecidas as obras de poucos pianistas, como Heitor Villa-Lobos e Camargo Guarnieri", lamenta ele.

VESTIBULAR

A procura cresce, mais uma vez

Repetindo a performance dos últimos anos, as inscrições para o vestibular da UNESP continuam a crescer. Nos exames de 1993, um total de 54.635 candidatos estarão disputando as 4.276 vagas oferecidas em 110 modalidades de curso. Esse número indica um crescimento de 4,9% em relação ao vestibular passado. Em 1992, o aumento percentual da procura dos vestibulandos tinha sido de 17% em relação ao ano anterior (veja gráfico). O resultado se torna mais expressivo se forem levadas em conta as atuais dificuldades econômicas do País, que afetaram a procura pelas vagas de outras universidades. Na USP, por exemplo, as inscrições cresceram 1%, enquanto as da Unicamp diminuíram 7,4% em relação a 1992.

O fato é que a "universidade caipira" está atraindo cada vez mais o interesse dos candidatos que antigamente estariam procurando apenas os cursos oferecidos na capital e grandes cidades. Para Carlos Vanni, diretor-presidente da Fundação para o Vestibular da UNESP (Vunesp), a demanda pelas vagas oferecidas este ano foi pouco afetada pela crise porque a Universidade está espalhada por todo o Estado. "Isso nos mostra que ainda temos grandes possibilidades no interior", comenta. "É lá que devemos projetar o crescimento da UNESP, sem esquecer da capital." Rio Claro foi a cidade que apresentou o maior aumento do contingente de inscritos. De acordo com Vanni, essa expansão deve ser atribuída ao trabalho de divulgação feito pelo câmpus local. "E o Guia de Profissões e o Guia do Vestibulando contribuíram muito para esse sucesso", acrescenta o dirigente.

SECRETARIA GERAL

Novos títulos, muita informação

Cinco novas publicações, que reúnem três anos de trabalho dos pesquisadores da UNESP, já estão disponíveis para todos os interessados. Elas foram organizadas pela Secretaria Geral, que pretende editar mais de dez obras com informações sobre a Universidade até o final do ano. "Já temos vários outros títulos no forno", declara o secretário-geral, professor Darvin Beig. Quatro dos volumes recém-lançados resumem a produção científica de 1989 e 1990: dois abordam os trabalhos publicados pelos docentes e dois os resumos e os artigos de divulgação. A quinta obra é o catálogo das teses e dissertações defendidas entre 1988 e 1990.

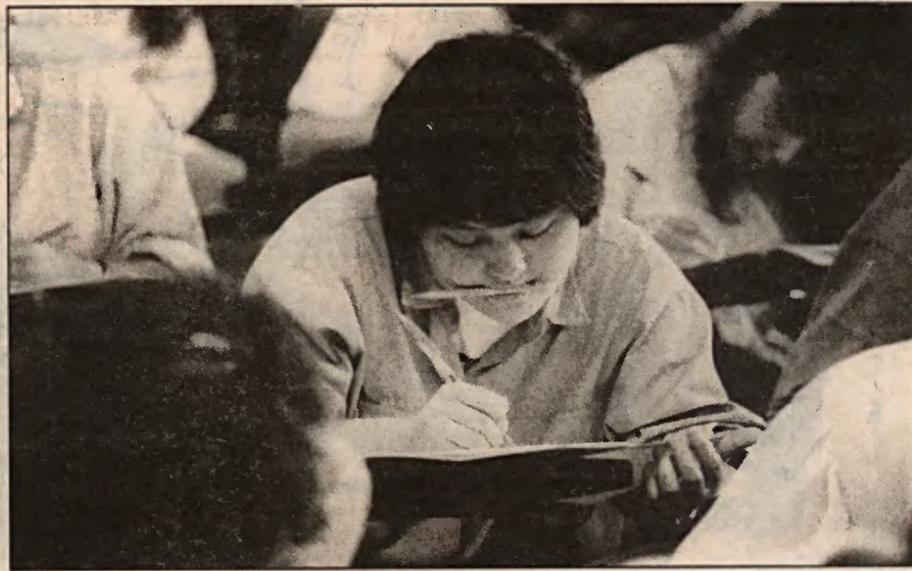
Entre os títulos que em breve irão para o prelo estão manuais de normas e instruções, que pretendem aprimorar o fluxo de dados na Universidade. Há também catálogos de disciplinas de graduação e pós-graduação, para informar alunos, docentes e interessados nos cursos da UNESP. Já os títulos relacionados à produção científica — como os já editados — visam à divulgação do que os professores vêm fazendo. Outras publicações em fase final de estudo são o



Beig e Maria Cecília: trabalho de equipe

anário estatístico e o catálogo de serviços de extensão à comunidade.

De acordo com Maria Cecília da Rocha Coutinho, assistente do professor Beig, no processo de elaboração das publicações, a Secretaria contou com o apoio da Proreitoria de Pós-graduação e Pesquisa e de funcionários de vários câmpus e setores, além de se beneficiar com a crescente informatização na UNESP. "Esse é um trabalho de equipe", enfatiza. Beig também pretende implantar um banco de dados central, com informações disponíveis nos manuais e catálogos. "Isso facilitará a consulta por parte de todas as unidades."



Lila Claretto

Candidata durante os exames: apesar da crise econômica, inscrições aumentaram 4,9%



Como dúvidas entre os candidatos são muito frequentes, quem quiser poderá ligar para o Disque UNESP que, como já aconteceu no vestibular passado, prestará esclarecimentos sobre as provas. Os telefones (011) 885-2424 e 884-7899 atendem das 9h às 18h, de 1º de outubro a 20 de dezembro e de 1º de fevereiro. Os exames se realizarão nos dias 21, 22 e 23 de dezembro. Vanni assinala que, além do Disque UNESP, outras medidas já estão sendo analisadas para facilitar ainda mais a vida do candidato: "Estamos estudando a possibilidade de, no futuro, fazer inscrições via correio".

Judith Meirelles

PÓS-GRADUAÇÃO

Cursos de Marília analisam educação

De que forma os computadores estão entrando nas salas de aula brasileiras? Refletir sobre essa e outras questões é a proposta inovadora do curso de pós-graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), de Marília. Uma das linhas de pesquisa do programa tem como tema "Comunicação, Informática e Educação". "Vivemos um momento de grande incentivo à informática, mas precisamos elucidar o que isso realmente significa para o ensino no País", ressalta o professor Celestino Alves da Silva Júnior, coordenador da pós-graduação da FFC.

O câmpus de Marília começa a partir do ano que vem a oferecer o seu programa de doutorado nessa área. O de mestrado já existe desde agosto de 1988, e é recomendado pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). A pós-graduação em Educação é destinada a candidatos formados em qualquer curso superior de duração plena que queiram aprofundar seus conhecimentos sobre o ensino e a aprendizagem escolar. As inscrições podem ser feitas de 1º de dezembro a 29 de janeiro do ano que vem.

Outras linhas de pesquisa são Educação Brasileira; História, Política e Administração; Ensino, Aprendizagem Escolar e Desenvolvimento Humano; "Educação Especial no Brasil"; e Ensino: Abordagem Técnico-pedagógica. Maiores informações podem ser obtidas pelo telefone (0144) 33-1844, ramal 136.

Fapesp 30 anos

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), uma das mais respeitadas instituições de fomento ao desenvolvimento das ciências humanas, exatas e biológicas do País, comemora este ano seu 30º aniversário — com saldo muito positivo. Para festejar a passagem da data, diretores e representantes da fundação reuniram-se com docentes e pesquisadores da UNESP no câmpus de Bauru, no último dia 28 de outubro. A escolha do câmpus não foi aleatória. É ele, afinal, que abriga o Instituto de Pesquisas Meteorológicas (IPMet), um dos melhores do País em seu setor, implantado graças ao apoio e financiamento da Fapesp. Na ocasião, o professor Paulo Landim homenageou o diretor-presidente da Fapesp, Alberto Carvalho da Silva, e demais membros da fundação e agradeceu a atenção que vem sendo dada à UNESP.

A comemoração, que se estendeu durante todo o dia, encerrou-se com a apresentação do projeto Radasp II, que está sendo desenvolvido pelo IPMet, também financiado pela Fapesp. "A Fapesp é a grande responsável pelo crescimento e desenvolvimento das pesquisas meteorológicas no Estado", declarou Roberto Vicente Calheiros, diretor do IPMet.

Os financiamentos da Fapesp beneficiam quase metade das atividades científicas no País. Nos seus trinta anos de existência, a fundação aprovou cerca de 50 mil pedidos de bolsas e auxílios e prestou incontáveis serviços à comunidade científica.

ESPORTE

Boas notícias nos Jogos Universitários

Conquistar a vitória não é só o que interessa para os atletas que participaram dos VI Jogos Universitários da UNESP, em Jaboticabal. Reunindo cerca de 750 universitários, dos dias 30 de outubro a 2 de novembro, a segunda fase da competição contou com a presença dos campeões de cada região, classificados no semestre passado, e ofereceu a oportunidade para os estudantes e professores dos diversos câmpus se confraternizarem e trocarem idéias. "Os Jogos demonstram que a prática esportiva sistematizada é importante nos vários graus de ensino", comenta o professor Moacir Pazeto, coordenador dos Jogos.

Distribuídos entre as competições de basquete, voleibol, natação, atletismo, xadrez e judô, todas nas modalidades masculina e feminina, e ainda tênis de mesa e futebol de campo e salão — só masculino —, os vencedores receberam medalhas e troféus. O campeão geral feminino foi o câmpus de Presidente Prudente, tendo o de Rio Claro como vice. O geral masculino ficou com Jaboticabal e o vice, mais uma vez, com Rio Claro. No resultado de campeão geral da competição (masculino e feminino), o câmpus de Presidente Prudente ficou em primeiro lugar, seguido por Rio Claro, em segundo, e Jaboticabal, em terceiro.

Mas os Jogos não ficam só nisso. Já existem comissões técnicas escaladas para estabelecer uma seleção com os melhores atletas de cada modalidade. Essa iniciativa vai possibilitar que a UNESP participe de competições com as seleções de outras universidades. Contudo, a novidade mesmo fica por conta do projeto que pretende levar a seleção para competir no exterior. "Já estamos em contato com universidades americanas", revela Pazeto.

Pela boa educação nos municípios

A municipalização do ensino feita pelo governo estadual precisa mudar

José Luiz Guimarães

Embora tenhamos dúvida quanto ao nível de preocupação da maioria dos candidatos em relação ao tema, as eleições municipais se configuram como uma ótima oportunidade para que se debata a questão da municipalização do ensino.

No Estado de São Paulo, especificamente no governo de Franco Montoro (1983-1986), iniciou-se um processo de descentralização nas diferentes áreas de ação governamental. No setor educacional, houve a transferência de recursos aos municípios para os programas de merenda escolar e transporte de alunos, além do início da municipalização do ensino pré-escolar.

Em todos esses processos, houve uma efetiva melhoria de qualidade dos serviços prestados, muito mais pelo empenho das administrações municipais, que foram muito oneradas, do que pelas condições de exequibilidade efetivamente propiciadas pelo Estado através da descentralização. Quase sempre, essas limitações se deram — e se dão — pelo fato de os recursos liberados serem inferiores às necessidades para a boa execução dos serviços conveniados.

Se estas dificuldades na área educacional já serviram para criar resistências, a municipalização da Saúde parece ter sido definitiva para a avaliação negativa que grande parte dos prefeitos fazem quanto à municipalização de determinados serviços públicos.

Entretanto, a Constituição de 1988 alterou significativamente a correlação de forças entre as esferas de governo através de vários artigos. Isso é mais notável no caso da reforma tributária, que será implementada progressivamente e coloca o município numa situação privilegiada em relação ao Estado e à União.

Para que se tenha uma idéia, ao final de 1993 a União terá sua capacidade arrecadatória reduzida em 18,1%, enquanto Estados e municípios terão aumentadas as suas receitas em 6,4% e 29%, respectivamente. Com a combinação dos dispositivos da Lei Calmon, haverá um incremento de 3,55%, 7,2% e 26,4% nos orçamentos da União, Estados e municípios, respectivamente, para a aplicação na área educacional — uma destinação constitucionalmente obrigatória.

Como se vê, é nos municípios que poderá ocorrer uma implementação

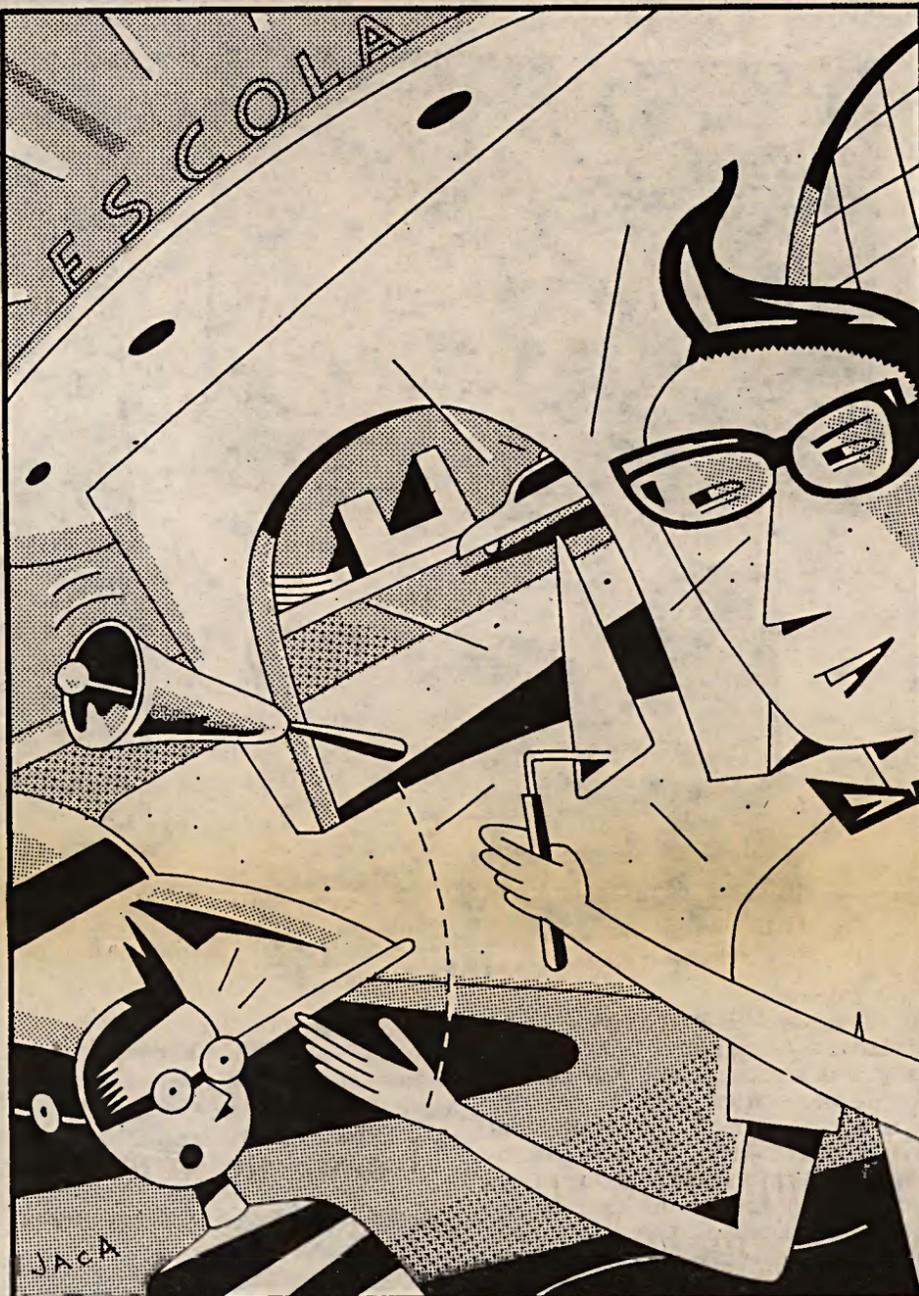


Ilustração: Jaca

dos serviços educacionais a partir desses recursos, o que confere uma responsabilidade muito grande a essa instância e exige a definição de critérios mais objetivos para a execução dessa tarefa. Se ninguém pode garantir o cumprimento e a perenidade dos dispositivos constitucionais — vide o projeto de reforma fiscal e a instabilidade político-econômica, neste momento particularmente pantanoso da vida nacional, em São Paulo, os prefeitos eleitos têm motivos de sobra para se debruçarem sobre esse tema.

Pelo menos 340 municípios paulistas celebraram convênios com o governo estadual dentro do Programa de Municipalização do Ensino, criado ainda na gestão Quéricia, pelo decreto 30.375/89. Embora o projeto tenha estabelecido dez diferentes áreas de atuação, nessa primeira fase todos trataram exclusivamente de reformas e/ou am-

pliações e construção de novos prédios escolares.

A precariedade das finanças municipais e a possibilidade de receberem aportes financeiros parecem ter sido o maior motivador para as decisões favoráveis dos prefeitos — autorizados pelos legislativos locais. Desse modo, eles sempre encontraram argumentos para justificar a execução de mais uma obra, mesmo que ela talvez fosse mais necessária e justificada em outras cidades ou regiões do Estado. Mas, aí, a culpa já não é dos municípios...

Torcemos para que essa primeira fase da municipalização do ensino levada a efeito em São Paulo não tenha funcionado como isca sedutora para que os novos prefeitos embarquem em aventuras.

Se em relação à construção, reforma e/ou ampliações, são graves os possíveis prejuízos da má execução dos

convênios, mais grave ainda é a possibilidade concreta de os municípios assumirem a total responsabilidade pelo oferecimento de ensino de 1º grau, sem terem condições para tanto.

Entre os inúmeros problemas que identificamos na execução dessa primeira fase, o maior deles refere-se à dúvida quanto à capacidade técnico-financeira que determinadas administrações teriam para gerir uma área de tamanha importância, sem prejuízos para a qualidade dos serviços prestados.

Frente à questão da municipalização, sugerimos aos futuros prefeitos tomar os seguintes cuidados:

- Promoção de um debate amplo e transparente com todos os segmentos envolvidos e interessados no assunto;
- Envolvimento ou absorção apenas dos serviços para os quais os municípios estejam minimamente habilitados;
- Exigência de estabelecimento e cumprimento de um cronograma e de indexadores para a liberação dos recursos pelo governo estadual;
- Verificação da real capacidade técnico-financeira dos municípios e observância das peculiaridades locais e regionais;
- Distribuição de recursos e responsabilidades, obedecidos os critérios técnicos, para municípios e regiões com maiores déficits educacionais;
- Necessidade de que uma perspectiva mais ampla prevaleça sobre a questão local, em benefício do sistema de ensino estadual — e não o contrário, como ocorreu até aqui.

Existem outros itens que igualmente mereceriam atenção. Porém, um pouco de cuidado com os aspectos já mencionados bastaria para que o sistema educacional paulista não ficasse sujeito ao voluntarismo das administrações municipais e às conveniências desconcentradoras ou descentralizadoras do governo do Estado. Essa preocupação é relevante até mesmo pela tendência de as experiências administrativas ocorridas em São Paulo serem tomadas como modelo para outros Estados. Neste momento, por exemplo, o Mato Grosso do Sul e o Paraná também já desencadearam processos de municipalização do ensino em suas redes escolares, inspirados no que foi feito no sistema paulista.

José Luiz Guimarães é docente do Departamento de Psicologia Experimental e do Trabalho da Faculdade de Ciências e Letras, câmpus de Assis.

PESQUISADORES NO EXTERIOR

Eles vão aprimorar seus conhecimentos — e vivem experiências interessantes

Vida de pesquisador tem muitas agruras. Mas a profissão também possui seus prazeres, e até aventuras. Quem imagina os cientistas sempre isolados em laboratórios e bibliotecas, cercados de tubos de ensaio e uma montanha de livros e papéis, ignora um dos capítulos mais movimentados de suas carreiras: as viagens para o exterior, feitas para especializações e contatos com outros profissionais. De lá, a bagagem vem repleta de novos conhecimentos e boas histórias. A experiência, ainda que muitas vezes atribulada, é altamente recomendada por quem já a viveu.

“Vale a pena suportar até a ameaça de terremoto”, brinca Catalina Romero Lopes, professora titular do Departamento de Genética do Instituto de Biociências de Botucatu. De maio a setembro último, ela morou em San Francisco, nos EUA, onde estudou genética molecular na Universidade de Stanford. Catalina conta que nos laboratórios da universidade havia quadros com instruções sobre como agir em casos de terremoto, pois a cidade, situada em cima de uma fenda geológica, pode sofrer abalos sísmicos a qualquer momento. O medo, entretanto, não se sobrepôs ao envolvimento com a pesquisa. “Chegava a trabalhar quinze horas por dia e às vezes até virava a noite”, recorda.

O inusitado também fez parte da experiência de Tânia Macedo, professora de Literatura da Faculdade de Ciências e Letras, câmpus de Assis. Afinal, para realizar suas pesquisas em Angola, na África, ela já teve que desembarcar no aeroporto escoltada por guardas com metralhadoras. A guerrilha entre as duas forças políticas do país, a UNITA e o MPLA, estava no auge quando ela esteve lá pela primeira vez, em 1986. “Além de ter que trabalhar sob toque de recolher, enfrentei muitos problemas de abastecimento de alimentação, água e luz” lembra. Neste caso, fascínio pelo país ajudou a vencer a tensão. “O povo é muito amável, as praias são lindas e, apesar dos conflitos, há festas nas ruas”, descreve. Tânia voltou a Angola em dezembro do ano passado, com a situação política mais tranqüila, e deveria retornar ainda neste ano. Os recentes choques armados, entretanto, a deixaram desanimada. “Temo pela destruição de arquivos e bibliotecas”, lamenta a pesquisadora, que deseja prosseguir seus trabalhos sobre degredados brasileiros em Angola no século 18.

SONHO EM INGLÊS

Passar algum tempo em outro país inclui também dificuldades mais triviais. A mais comum delas é em relação à língua. O professor Emanuel Rocha Woiski, do Departamento de Engenharia Mecânica da Faculdade de Engenharia, câmpus de Ilha Solteira, conta que, no início do seu programa de doutorado no Imperial College, em Londres, tinha dificuldade para se comunicar. “O problema é o sotaque cockney dos habitantes da cidade, difícil até para quem domina bem a língua”, explica. Mas o longo período que passou lá, de 83 a 88, fez Woiski se sentir um legítimo cidadão londrino. “Já discutia política com eles de igual para igual e até sonhava em inglês.”

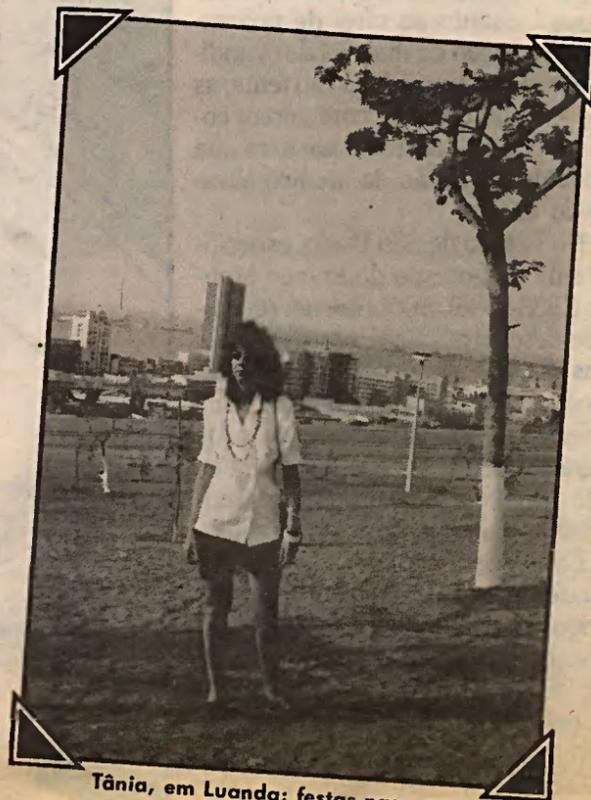
Outro choque para quem sai do nosso país tropical rumo aos centros localizados acima do Equador é o clima, ainda mais difícil de driblar que a língua. Lauro Tomio, do Instituto de Física Teórica de São Paulo, que realizou pesquisas em nível de pós-doutorado



Catalina, em Stanford: ameaça de terremoto



Tomio, em Adelaide: boa infra-estrutura



Tânia, em Luanda: festas nas ruas

durante dois anos em Hamilton, no Canadá, estranhou as baixas temperaturas, que chegavam a 40 graus negativos. “Eu tinha que ligar o carro muito tempo antes de entrar nele, de manhã, sob risco de morrer congelado no caminho”, lembra. Mas Tomio descontentou a tristeza do frio quando passou um ano estudando em Adelaide, na Austrália. Lá, com praias magníficas à disposição, o dia-a-dia era bem diferente. Seus filhos, que o acompanharam juntamente com a mulher, passavam suas manhãs surfando.

O lazer, aliás, é uma das vantagens apontadas pela maioria dos docentes que vão ao exterior. A professora Catalina ficou impressionada com a infra-estrutura da Texas A & M University, onde passou de setembro de 91 a abril de 92. “O câmpus, próximo da cidade de Brian, tem uma invejável infra-estrutura, com shopping-centers e muitas atividades”, comenta, acrescentando que lá chegou a ver peças da Broadway e uma apresentação do balé russo Bolshoi.

INFRA-ESTRUTURA

Porém, o grande motivo de atração dos pesquisadores, obviamente, não está nos palcos ou em roteiros turísticos. O mais importante é o contato com profissionais qualificados, técnicas de ponta e equipamentos avançados, que permitem verdadeiros saltos de qualidade no seu trabalho. “O pesquisador de física tem que sair do país se quiser aprimorar-se”, afirma Tomio, para quem a grande diferença lá fora é o elevado número de pessoas especializadas nas diversas subáreas, além da disponibilidade de bons equipamentos. “Tanto no Canadá como na Austrália, cada um de nós dispunha de uma estação de trabalho, com computadores muito potentes”, elogia. Já a professora Catalina diz que, na Texas A & M, há uma grande

facilidade para conseguir materiais preciosos para pesquisas em biotecnologia, como reagentes químicos. “Os cientistas pedem diretamente às companhias e recebem seu material individualmente”, explica.

Trabalhar muito e divertir-se às vezes é uma boa receita para afugentar o grande fantasma das viagens longas: as saudades. Quando é impossível agüentar, há alternativas. “Ecomizei bastante e meus dois filhos, de 20 e 22 anos, foram passar o Natal comigo”, con-

ta Catalina. No caso do professor Woiski, o jeito foi levar a mulher e os três filhos pequenos. Com ótimas escolas públicas à disposição e a estabilidade econômica do primeiro mundo, a família viveu relativamente bem em Londres com a bolsa de 960 dólares mais o salário de professor. “O único problema era ver que o salário, em cruzeiros, era menor a cada mês”, reclama.

As bolsas fornecidas pelas agências financiadoras normalmente dão — sem grandes extravagâncias — para as despesas do pesquisador e familiares. No entanto, Lauro Tomio recomenda que o pesquisador não dependa só das bolsas e leve um dinheiro extra. Ele recorda que, se não tivesse reservas, não teria como sobreviver no Canadá, pois sua bolsa de 1.200 dólares atrasou quatro meses. Além de economias, o pesquisador precisa ter muita disciplina, já que o sistema de pós-graduação no exterior controla pouco o aluno. Para voltar como PhD (Philosophy Doctor), o professor Woiski precisou adotar um esquema rígido de trabalho, pois, nos cinco anos que passou em Londres, só teve que apresentar um relatório após dois anos e, no final de seu prazo, a defesa de tese. “Se você não tiver um bom ritmo de estudo, cai na vida e não consegue cumprir os prazos” alerta. O orientador também não acompanha de perto os trabalhos. “O aluno é seu próprio orientador, o que aumenta muito sua responsabilidade.” Mas, como mostram os exemplos de Woiski, Catalina, Tânia e outros pesquisadores, a necessidade de disciplina e as dificuldades são detalhes que estão longe de obscurecer as vantagens da opção de estudar no estrangeiro. Terremotos, guerrilhas, nevascas e saudades acabam sendo pouco quando o assunto em questão é a paixão pela ciência.

Marcelo Burgos

Onde há bolsas

A ARINT (Assessoria de Relações Internacionais), que funciona junto à reitoria da UNESP, tem catálogos de universidades de todo o mundo em um banco de dados sobre as agências financiadoras. Ademar Freire-Maia, assessor-chefe, explica que bolsas de graduação são mais difíceis de conseguir, mas as de pós — principalmente de doutorado — são concedidas com relativa facilidade. A reitoria tem também o Programa Estudante Estrangeiro, que dá bolsas com prioridade para o intercâmbio de alunos. Se o estudante estiver no último ano de graduação ou for formado há um ano, pode concorrer a um Estágio Remunerado no exterior, dirigido pelo IASTE (Central de Intercâmbio) e coordenado, na UNESP, pela ARINT. Maiores informações na Praça da Sé, 108, 3º andar, CEP 01001-900, São Paulo. Tel. (011) 32-7171, ramais 1121 ou 1102, telex (011) 21911, ou 19001, fax (011) 36-3449.

(M.B.)